

THÉORIES ET PRATIQUES DE LA TRADUCTION LITTÉRAIRE EN FRANCE (2003)



INÊS OSEKI-DÉPRÉ

NARCELI PIUCCO, ANDERSON DA COSTA (TRADUTORES)

Inês Oseki-Dépré nasceu em São Paulo, de família japonesa. Fez pós-graduação em Letras Neolatinas na Universidade de São Paulo e concluiu o doutorado em 1971 na França, em Aix-en-Provence, sobre a obra de Michel Butor. É professora de literatura geral e comparada na Université d'Aix-Marseille e membro da Sociedade Francesa de Literatura Geral e Comparada.

Tradutora literária, especializada em poesia e línguas românicas, tem interesse especial em autores portugueses e brasileiros, tendo publicado diversos artigos, entrevistas, crônicas etc sobre o assunto. Publicou também a obra teórica sobre tradução *De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de Traductologie)* (2007).

Traduziu grandes obras de autores de língua portuguesa para o francês: *Premières histoire* (1982) de João Guimarães Rosa, *Iracéma* (1985) de José de Alencar, *Lettres à la fiancée* (1989), de Fernando Pessoa, *Galaxies* (1998), de Haroldo de Campos (prêmio Roger Caillois, melhor obra poética estrangeira na França); poemas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Pagu, João Cabral de Melo Neto, Nelson Ascher, Augusto de Campos, Décio Pignatari, outros de Haroldo de Campos etc. Colaborou com traduções para a maior antologia bilíngue de poesia brasileira jamais produzida *La Poésie du Brésil. Anthologie bilingue du XVIe au XXe siècle* (2012).

O artigo “Théories et pratiques de la traduction littéraire en France” foi publicado na revista *Le français aujourd’hui* (2003/3, número 142) e resume uma pequena parte de seu livro intitulado *Théories et pratiques de la traduction littéraire* (1999), com a vantagem de apresentar de maneira sincrônica e diacrônica as práticas da tradução francesa. Trata-se de um panorama histórico do pensamento que guiou a produção de traduções literárias na França e traz detalhes da história do pensamento sobre a tradução antes da instauração do francês como língua oficial, do século XVI até o século XX.

THÉORIES ET PRATIQUES
DE LA TRADUCTION LITTÉRAIRE
EN FRANCE

*La traduction est à la fois
impossible et nécessaire¹.*

Jacques Derrida

TEORIAS E PRÁTICAS
DA TRADUÇÃO LITERÁRIA
NA FRANÇA

*A tradução é ao mesmo tempo
impossível e necessária.*

Jacques Derrida

Preliminares

Bien avant l'instauration du français comme langue officielle au XVI^e siècle, la pratique de la traduction (à la fois activité et produit), s'est vue osciller entre deux pôles, deux réalités, deux tendances et ce jusqu'au XX^e siècle.

Tout d'abord orale (interprétation), elle est devenue écrite vers 3000 ans av. J.-C., date à laquelle on trouve des traités signés entre Hittites et Égyptiens, rédigés en deux langues, faisant apparaître ses deux modalités : traduction (écrite) et interprétariat (orale).

Plusieurs fois duelle, cette pratique comprend deux textes, celui du départ, celui de l'arrivée, deux langues, puis une opération traductive double, intralinguistique (qui consiste dans la traduction d'une langue dans les termes de la même langue) suivie d'une activité proprement traductive, interlinguistique² (R. Jakobson, 1963).

Il est à remarquer qu'en France, bien des traducteurs connaissent bien mieux le français que la langue dite de départ. Cela proviendrait de l'ancienne distinction scolaire entre ce qu'on appelait le «thème» et la «version». J.-R.

Preliminares

Muito antes da instauração do francês como língua oficial no século XVI, a prática da tradução (ao mesmo tempo atividade e produto), oscilou entre dois polos, duas realidades, duas tendências, e isso até o século XX.

De início oral (interpretação), tornou-se escrita cerca de 3.000 a.C., de quando encontramos tratados assinados entre hititas e egípcios, redigidos em duas línguas, revelando suas duas modalidades: tradução (escrita) e interpretação (oral).

Muitas vezes dual, essa prática compreende dois textos, o de partida e o de chegada, duas línguas, e depois uma operação tradutiva dupla, intralinguística (que consiste na tradução de uma língua com palavras da mesma língua), seguida por uma atividade própria de tradução, "inter-linguística" (Jakobson, 1963).

Vale notar que na França muitos tradutores conhecem muito melhor o francês do que a língua dita de partida. Isso adviria da velha distinção escolar entre o que era chamado de "tema"⁵ e de "versão". Jean René Ladmiral (1979) salienta,

¹ J. Derrida (1985), «Des tours de Babel», *Difference and Translation*, Cornwell Presse, Editions Joseph Graham.

² R. Jakobson (1972), «On translation» («Aspects linguistiques de la traduction»), in *Essais de linguistique générale*, Paris, Éditions de Minuit, p. 78.

Ladmiral (1979)³ rappelle, en effet, la différence fondamentale qui distinguait jadis le «fort en thème», sorte de mathématicien de la langue, du «doué pour la version», l'élève sensible, littéraire, imaginaire, capable de mettre en «bon français» n'importe quel auteur étranger. La traduction qui nous intéresse ici est la version, avec tout ce que cela comporte comme apprentissage et pratique scolaires. Cette distinction, si elle a disparu de l'enseignement secondaire (où l'on ne traduit plus), est maintenue à l'université et est à l'origine d'une troisième opposition⁴.

Pour en revenir à la dualité structurelle de la traduction, la plus importante entre toutes est incontestablement celle, très ancienne, qui oppose les traductions tournées vers l'original (*source oriented*) et celles tournées vers la langue d'arrivée (*target oriented*), et elle demeurera tout au long des siècles penchant tantôt d'un côté, tantôt de l'autre, faisant l'objet de textes et paratextes nombreux. Cette situation ne changera en France qu'au XX^e siècle, à la suite de quelques précurseurs, partisans du «littéralisme» et de la théorisation de leurs travaux.

com efeito, a diferença fundamental que antigamente distinguia o “bom em tema”, uma espécie de matemático da língua, do “talentoso para a versão”, o aluno sensível, literário, imaginativo, capaz de verter em “bom francês” qualquer autor estrangeiro. A tradução que nos interessa aqui é a versão, com tudo o que ela implica como aprendizado e prática escolar. Essa distinção, em desuso no ensino secundário (onde não se traduz mais), se mantém na universidade, e é a fonte de uma terceira oposição⁶.

Para retornar à dualidade estrutural da tradução, a mais importante de todas é, sem dúvida, aquela, muito antiga, que opõe as traduções orientadas para o original (*source oriented*) e aquelas orientadas para a língua de chegada (*target oriented*), e que continuará inclinando-se ao longo dos séculos ora para um lado, ora para outro, sendo o objeto de numerosos textos e paratextos. Na França, essa situação vai mudar apenas no século XX, na esteira de alguns precursores, defensores da “literalidade” e da teorização de seus trabalhos.

⁵ Exercício escolar que consiste em traduzir um texto de sua língua materna em uma língua estrangeira.

³ J.-R. Ladmiral (1979), *Traduire : Théorèmes pour la traduction*, Paris, Payot, p. 15.

⁴ Entre les partisans d'une traduction *source oriented* et ceux qui privilégient la langue d'arrivée (*target oriented*).

⁶ Entre os partidários de uma tradução *source oriented* e aqueles que privilegiam a língua de chegada (*target oriented*).

Bref aperçu de la traduction en France**Théories classiques ou «prescriptives»**

Dire de la traduction, comme le dit J.-R. Ladmiral, que sa finalité est «de nous dispenser de la lecture de l'original»⁷, ne dit pas, par ailleurs, qu'elle correspond à une opération de transformation (transfert, transposition) d'un texte d'une langue dans une autre ce qui a pour conséquence que pour comprendre son évolution à travers les siècles, force nous est de nous intéresser aux théories qui leur sont sous-jacentes selon un rapport de forces idéologique (religieux, politique), la dominance de l'un ou des deux pôles sur l'autre.

Le présent article résume une petite partie d'un ouvrage⁸ (I. Oseki-Dépré, 1999) où il y a lieu de distinguer trois types de théories selon qu'elles se caractérisent par la dominance de l'un des trois aspects suivants, à savoir *prescription*, *description* ou *prospection*. Cette présentation offre l'avantage de suivre en synchronie et en diachronie l'évolution des pratiques de la traduction française. Il faudra ici souligner deux points : c'est la pratique traduisante qui engendre après coup la formulation de la théorie ; ce sont les théories prescriptives qui témoignent le mieux de cette évolution.

On peut considérer que font partie de ces théories, les théories que l'on appellera «classiques». Ces théories permettent de bien comprendre l'évolution de la pratique du traduire notamment en

Breve esboço da tradução na França**Teorias clássicas ou “prescritivas”**

Dizer sobre a tradução, como o faz Jean René Ladmiral, que o seu objetivo é o “de nos dispensar a leitura do original” não informa, por outro lado, que ela corresponde a uma operação de passagem (transferência, transposição) de um texto de uma língua para outra, o que tem por consequência que, para compreender sua evolução através dos séculos, somos forçados a voltar nossa atenção para as teorias que lhes são subjacentes, segundo uma relação de forças ideológicas (religiosas, políticas), a predominância de um ou dois polos sobre outro.

Este artigo resume uma pequena parte de uma obra⁸ (Inês Oseki-Dépré, 1999) em que se distinguem três tipos de teorias, caracterizadas pela predominância de um dos três aspectos seguintes, a saber: *prescrição*, *descrição* ou *prospecção*. Esta apresentação oferece a vantagem de acompanhar, em sincronia e em diacronia, a evolução das práticas da tradução francesa. Será necessário enfatizar aqui dois pontos: é a prática tradutória que engendra posteriormente a formulação da teoria, e são as teorias prescritivas que melhor atestam essa evolução.

Pode-se considerar como parte dessas teorias as teorias que são chamadas de “clássicas”. Essas teorias permitem compreender bem a evolução da prática do traduzir, sobretudo na França, e a referência é,

⁷ J.-R. Ladmiral, *loc. cit.* p. 11.

⁸ I. Oseki-Dépré (1999), *Théories et pratiques de la traduction littéraire*, Paris, Armand Colin, coll. «U».

France et la référence est, bien sûr, Cicéron (106-43 av. J.-C.), car il reste incontestablement le premier théoricien de ce courant, chez qui l'on peut trouver, en préface à sa traduction des *Discours de Démosthène et d'Eschine*⁹, les propos suivants :

Je ne les ai pas rendus en *simple traducteur (ut interpres)*, mais en *écrivain (sed ut orator)* respectant leurs phrases, avec les figures de mots ou de pensées, usant toutefois de termes adaptés à nos habitudes latines. Je n'ai donc pas jugé nécessaire d'y rendre chaque mot par un mot (*verbo verbum reddere*); pourtant, quant au génie de tous les mots et à leur valeur, je les ai conservés... J'ai cru, en effet, que *ce qui importait au lecteur*, c'était de lui en offrir non pas le même nombre, mais pour ainsi dire le même poids (*Non enim adnumerare sed tanquam adpendere*)¹¹. (Cicéron, 53 av. C.)

Si Cicéron est la référence des traducteurs français ultérieurs, depuis saint Jérôme, cinq siècles plus tard, jusqu'à un courant (majoritaire) de traducteurs contemporains, il aura une influence marquante sur le XVII^e siècle. Chez saint Jérôme (347-420 ap. J.-C.), le traducteur de la Vulgate, la question est plus ambivalente en raison de la dichotomie qui s'installe dès avant l'avènement du christianisme entre la traduction des textes religieux et la traduction des textes profanes. Pour lui, en effet, il y a lieu de distinguer le texte religieux «où l'ordre des mots est aussi un mystère» des autres (*non verbum de verbo, sed sensum ex-*

claro, Cícero (106-43 a.C.), pois ele permanece sendo, sem dúvida, o primeiro teórico dessa corrente, e de quem se encontra, no prefácio de sua tradução de *Discurso de Demóstenes e de Ésquino*¹⁰, as seguintes observações:

Eu não os verti como um *simples tradutor (ut interpres)*, mas como *escritor (sed ut orator)* respeitando suas frases, com as figuras de palavras ou de pensamentos, utilizando, contudo, termos apropriados aos nossos usos latinos. Logo, não julguei necessário traduzir palavra por palavra (*verbo verbum reddere*); entretanto, quanto ao gênio de todas as palavras e seu valor, eu os conservei... Acreditei que, de fato, *o que importava ao leitor*, era oferecer-lhe não o mesmo número, mas, digamos, o mesmo peso (*Non enim adnumerare sed tanquam adpendere*)¹² (Cícero, 53 a.C.).

Se Cícero é a referência dos tradutores franceses posteriores a ele, a partir de São Jerônimo, cinco séculos depois, até chegar numa corrente (majoritária) de tradutores contemporâneos, este terá uma influência marcante no século XVII. Para São Jerônimo (347-420 d.C.), o tradutor da *Vulgata*, a questão é mais ambivalente em razão da dicotomia que se instala, desde antes do advento do cristianismo, entre a tradução de textos religiosos e a tradução de textos profanos. Para ele, de fato, é necessário distinguir o texto religioso, “em que a ordem das palavras é também um mistério”, dos outros (*non verbum de*

⁹ Orateurs de l'école attique dont la joute semble, aux yeux de Cicéron, l'exemple suprême de l'art oratoire grec et qu'il s'agit pour les Romains d'«imiter».

¹⁰ Oradores da escola ática cuja justa parece, aos olhos de Cícero, o exemplo supremo da arte oratória grega e que os romanos tratam de “imitar”.

¹¹ C'est nous qui soulignons.

¹² Itálico nosso.

primere de sensu). La dualité se place ici entre le mot pour le mot de la traduction religieuse, ou le sens pour le sens, des autres traductions, dualité entre traduction «fidèle» pour le sacré, traduction «libre», pour le texte profane.

En réalité, la question est bien plus ardue et saint Jérôme se voit souvent partagé entre les deux positions, même lorsqu'il s'agit du texte religieux.

Il est malaisé quand on suit les lignes tracées par un autre, de ne pas s'en écarter en quelque endroit ; il est difficile que ce qui a été bien dit dans une autre langue garde le même éclat dans une traduction. [...] Si je traduis mot à mot, cela rend un son absurde ; si, par nécessité, je modifie si peu que ce soit la construction ou le style, j'aurai l'air de désertier le devoir de traducteur.¹³ (M. Ballard, 1991, p. 61)

Ces propos théoriques, tout en s'appuyant sur des confessions personnelles, confirment leur caractère prescriptif à partir d'une argumentation qui prône l'élégance et/ou l'adaptation aux habitudes de la langue d'arrivée au détriment d'une exactitude qui serait en quelque sorte «étriquée¹⁴»

La position de saint Jérôme relative au texte religieux prévaut durant tout le Moyen Âge (du IX^e au XV^e siècles), pendant lequel la traduction doit respecter au nombre près les mots, voire les lettres. Selon M. Ballard (1991) : «Il n'y a là rien d'élaboré sur le plan théorique tout au plus la conscience chez le traducteur d'une exigence de littéralisme, imposée par

verbo, sed sensum exprimere de sensu). A dualidade se situa aqui entre o palavra por palavra da tradução religiosa, ou o sentido por sentido das outras traduções, dualidade entre a tradução “fiel”, para o sagrado, e “livre”, para o texto profano.

Na realidade, a questão é bem mais difícil e São Jerônimo vê-se muitas vezes dividido entre as duas posições, mesmo quando se trata do texto religioso.

É incômodo quando seguimos as linhas traçadas por outro não nos desviarmos em algum lugar; é difícil que o que foi bem dito em outra língua mantenha o mesmo brilho na tradução. [...] Se eu traduzir palavra por palavra, isso produzirá um discurso absurdo; se, por necessidade, eu modificar um pouco que seja a construção ou o estilo, parecerei abandonar o dever de tradutor. (Michel Ballard, 1991, p 61.)

Essas observações teóricas, apoiadas em confissões pessoais, validam seu caráter prescriptivo a partir de uma argumentação que preconiza a elegância e/ou a adaptação aos usos da língua de chegada, em detrimento de uma exatidão que seria, por assim dizer, “estritada”.

A posição de São Jerônimo quanto ao texto religioso prevalece durante toda a Idade Média (dos séculos IX ao XV), quando a tradução deve respeitar de perto o número de palavras e até mesmo o de letras. Segundo Michel Ballard (1991): “Nessa época não se elabora nada no plano teórico, quando muito há a consciência pelo tradutor de uma exigência de literalidade imposta

¹³ M. Ballard, (1991), *De Cicéron à Benjamin*, PUL, p. 61.

¹⁴ M. Ballard, *loc. cit.*, p. 57-58.

les institutions et l'usage, mais dont il ose parfois s'écarter par souci de clarté.»

L'on sait que les premières «translations» françaises sont des traductions à caractère religieux: *La Cantilène de sainte Eulalie* (883) du latin en vulgaire; *Le Poème de saint Alexis* (1050), une copie en langue romance de décasyllabes latins. Des siècles plus tard, l'Église changera sa position vis-à-vis du texte sacré et, avec la divulgation et le prosélytisme religieux, on passera à une traduction du premier type (souvent accessible au public, voir E. Nida, 1975). Il faut dire ici que le littéralisme, tel qu'il était pratiqué jusqu'ici, aboutissait souvent à l'obscurcissement du texte original. De son côté, l'école arabe des traducteurs, créée vers le IX^e siècle, suit plutôt les principes classiques: l'effort pour aboutir à une expression naturelle en langue d'arrivée. L'école de Tolède et les traducteurs italiens également.

La première traduction proprement «littéraire» française date de 1370 et c'est la traduction des *Œuvres* d'Aristote, faite par N. d'Oresme, précédée d'une préface. Cette traduction est faite selon un programme dans lequel la lisibilité, c'est-à-dire, la clarté et l'élégance du texte d'arrivée, doivent en être les qualités principales.

Mais on devra à É. Dolet, traducteur humaniste du XVI^e siècle, les premiers préceptes pour bien traduire. Ainsi, si le terme de *traduction* est utilisé pour la première fois par cet humaniste en 1540, il est accompagné de règles dont on peut

pelas instituições e pelo uso, mas da qual ele ousa por vezes se distanciar, preocupado com a clareza.

Sabe-se que as primeiras “translações” francesas são traduções de caráter religioso: *La Cantilène de sainte Eulalie* (883) do latim ao vulgar;¹⁵ *Le Poème de saint Alexis* (1050), uma cópia em língua romance¹⁶ dos decassílabos latinos. Séculos mais tarde, a igreja mudará sua posição em relação ao texto sagrado e, com a divulgação e proselitismo religiosos, passar-se-á a uma tradução do primeiro tipo (muitas vezes acessível ao público [ver Eugene Nida, 1975]). É preciso dizer que o literalismo, como praticado até aqui, muitas vezes resultava no obscurecimento do texto original. Por sua vez, a escola árabe de tradutores, criada por volta do século IX, segue antes os princípios clássicos: o esforço de alcançar uma expressão natural na língua de chegada. A Escola de Toledo e os tradutores italianos também.

A primeira tradução francesa propriamente “literária” data de 1370; é a tradução das *Obras* de Aristóteles feita por Nicolas d'Oresme e precedida por um prefácio. Essa tradução foi feita segundo um projeto em que a legibilidade, isto é, a clareza e elegância do texto de chegada, deviam ser suas qualidades principais.

Mas deve-se a Étienne Dolet, tradutor humanista do século XVI, os primeiros preceitos para traduzir bem. Assim, o termo *tradução* é usado pela primeira vez pelo humanista, em 1540, acompanhado de regras das quais se pode dizer que

¹⁵ *A Cantilena de Santa Eulália* é o texto poético preservado mais antigo da língua francesa. A língua é um vernáculo derivado do latim que eventualmente deu origem ao francês antigo. (N.T.)

¹⁶ Dialeto ou conjunto de dialetos derivados do latim, que se tornaram a língua vulgar de um país; romano; língua românica. O idioma provençal. (N.T.)

dire, qu'à la fois elles reprennent celles de Cicéron tout en étant valables de nos jours :

- comprendre parfaitement le sens du texte et l'argument traité par l'auteur qu'on se dispose à traduire;
- connaître parfaitement aussi bien la langue originale que la langue dans laquelle on va traduire ;
- préceptes qui ont un rapport à la compétence du traducteur. Puis :
- ne pas s'asservir au point de rendre l'original mot pour mot ;
- éviter les néologismes, latinismes, adopter la bonne langue française d'usage commun;
- observer les orateurs, chercher le beau style, souple, élégant, sans trop de prétention et surtout uniforme.

Les deux derniers préceptes méritent d'être retenus en ce qu'ils préconisent la neutralisation, l'égalisation, l'uniformité, caractéristiques du beau style qui seront l'apanage de la traduction classique.

À la même époque, on connaît le rôle de premier plan occupé par J. Du Bellay, considéré comme l'un des plus grands poètes de la Pléiade¹⁷. Pour aborder la théorie traductive de J. Du Bellay, il est nécessaire, toutefois, de s'intéresser à sa poétique, qui n'en est pas séparable, même si, pour lui, traduire est une activité à laquelle il s'adonne «quand l'inspiration lui manque».

ecoam aquelas de Cícero, ao mesmo tempo permanecem válidas atualmente:

- compreender perfeitamente o significado do texto e a matéria tratada pelo autor que se propõe traduzir;
- conhecer perfeitamente tanto a língua original, quanto a língua para a qual se traduz;
- preceitos que se relacionam com a competência do tradutor. Depois:
- não se subjugar a ponto de verter o original palavra por palavra;
- evitar os neologismos, os latinismos; adotar a boa língua francesa de uso comum;
- observar os oradores, buscar o belo estilo, suave, elegante, sem muita pretensão e especialmente uniforme.

Os dois últimos preceitos merecem ser memorizados, pois preconizam a neutralização, a igualização, a uniformidade, características do belo estilo que virão a ser o apanágio da tradução clássica.

Nessa mesma época, conhece-se o papel de primeiro plano ocupado por Joachim Du Bellay, considerado um dos maiores poetas da Pléiade¹⁸. Para abordar a teoria tradutiva de J. Du Bellay é necessário, no entanto, interessar-se por sua poética, que não lhe é separável, mesmo se para ele traduzir seja uma atividade à qual se entrega “quando a inspiração lhe falta.”

¹⁷ Mouvement que l'on pourrait considérer comme esthétiquement « révolutionnaire », selon les termes de P. Bourdieu (1992, *Les Règles de l'art*, Paris, Seuil, coll. « Libre examen »), comparable à celui du XIX^e siècle, constitué par C. Baudelaire, T. Gautier, G. Flaubert, des jeunes poètes instruits en rupture avec le milieu d'origine. À ceci près, qu'à la Renaissance, leur opposition est plutôt esthétique et non sociale.

¹⁸ Movimento que pode ser considerado esteticamente como “revolucionário”, nas palavras de P. Bourdieu (1992, *Les Règles de l'art*, Paris, Seuil, coll. « Libre examen »), comparável àquele do século XIX, constituído por Charles Baudelaire, Théophile Gautier, Gustave Flaubert, jovens poetas instruídos em ruptura com o meio de origem. Exceto que no Renascimento sua oposição é, sobretudo, estética e não social.

La théorie de J. Du Bellay, de façon très marquée, est intimement liée au contexte socioculturel¹⁹ de cette période de la Renaissance, contexte qui se caractérise, entre autres choses, par l'instauration du français comme langue officielle²⁰.

Ce nouveau regard, par ailleurs, est porté sur la poésie et reste profondément lié à la diffusion de la pensée néoplatonicienne en France: le *Phèdre*, traduit et préfacé par R. le Blanc en 1546, devient une véritable religion de la poésie, conçue comme traduction inspirée de la parole divine et de sa création. La difficulté pour les traducteurs humanistes est grande : comment, en effet, transposer les mêmes idées et les mêmes effets dans un langage autre? Comment maintenir, donc, le lien indestructible entre les choses et les mots?

Parmi les grandes idées de la *Deffence* (J. Du Bellay, 1549), apparaît le rôle de l'imitation, à entendre comme le préconisait Aristote: on ne se contente pas d'imiter le réel, fût-il idéalisé, il s'agit de le transcender; on retrouve ici le même désir que chez Cicéron, la traduction n'étant qu'un «pis-aller», devant l'inaccessibilité de l'original. Pour les poètes de la Pléiade, donc, il s'agit tout aussi bien d'imiter les Anciens que la poésie

A teoria de J. Du Bellay, de maneira distinta, está intimamente ligada ao contexto sociocultural²¹ desse período da Renascença, contexto que se caracteriza, entre outras coisas, pela instauração do francês como língua oficial²².

Por outro lado, esse novo olhar está dirigido à poesia e permanece profundamente relacionado à divulgação do pensamento neoplatônico na França: as fábulas de Fedro traduzidas e prefaciadas por R. le Blanc, em 1546, tornou-se uma verdadeira religião da poesia, concebida como tradução inspirada pela palavra de Deus e sua criação. A dificuldade para os tradutores humanistas é grande: como, de fato, transportar as mesmas ideias e os mesmos efeitos para outra língua? Como manter, portanto, o vínculo indissolúvel entre as coisas e as palavras?

Entre as grandes ideias de *Deffense e illustration da língua francesa* (*Défense et illustration de la langue française* (Joachim Du Bellay, 1549), aparece o papel da imitação, conforme defendido por Aristóteles: não nos contentamos em imitar o real, fosse ele idealizado: trata-se de transcendê-lo. Encontra-se aqui o mesmo desejo de Cícero; a tradução é apenas um “tapa-buraco” diante da inacessibilidade do original. Para os poetas da *Pléiade*, portanto,

¹⁹ Ce que Jauss appelle « horizon d'attente », dans *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard, 1978.

²⁰ Une dualité bien plus importante s'instaure ici, qui évoluera au cours et au gré de l'histoire au fur et à mesure de l'affirmation de la langue française au détriment du latin dans un premier temps (François I^{er} et l'Ordonnance de Villers-Cotterêts, 1539) ; et plus tard, comme le rappelle P. Bourdieu, *loc. cit.*, au détriment des patois, dialectes, parlars régionaux (sous la Révolution française, à partir de 1789).

²¹ O que Jauss chama de «horizon d'attente» (horizonte de espera), em *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard, 1978.

²² Uma dualidade muito mais importante se instaura aqui, que evoluirá ao longo da história e durante a afirmação da língua francesa em detrimento do latim num primeiro momento (François I e Decreto de Villers-Cotterêts , 1539) e, mais tarde, como lembra P. Bourdieu, *loc. cit.*, em detrimento dos patoás, dialetos, falares regionais (durante a Revolução Francesa, a partir de 1789).

italienne, à l'instar de C. Marot, M. Scève et les poètes lyonnais.

Mais J. Du Bellay se démarque de la position humaniste courante en proposant la thèse de la différence des langues. De ce fait, il s'agit de créer une langue nouvelle, car les mots ne sont que des instruments interchangeables et perfectibles : «Toute leur vertu est née au monde du vouloir et arbitre des mortels» ce qui le pousse à s'intéresser aux deux parties de l'éloquence, qui sont l'invention et l'élocution²³.

Il est intéressant à noter, lorsqu'on aborde la théorie de la traduction présentée par J. Du Bellay, que l'imitation étant prédominante, la traduction, dans la mesure où elle nécessite la médiation du traducteur, se pose en prescription négative. En effet, en cette époque, où l'imprimerie rend accessibles les auteurs classiques, et où l'on assiste au foisonnement de traductions des auteurs grecs et latins, J. Du Bellay affirme, dans le chapitre V, que «chacune langue a je ne scay quoy propre seulement à elle», ce qui peut se perdre dans la traduction. «Ainsi, dans sa *Deffence et Illustration de la langue françoise*, le traducteur de l'*Énéide* consacre plusieurs pages à une mise en garde contre les mauvais traducteurs (les «traditeurs»), qui, malgré leur diligence, et l'utilité de leur labeur «pour instruire les igno-

é trata-se igualmente de imitar tanto os Antigos quanto a poesia italiana, a exemplo de Clément Marot, Maurice Scève e dos poetas lionenses.

Mas J. Du Bellay se distancia da posição humanista da época, propondo a tese da diferença das línguas. A partir daí, trata-se de criar uma língua nova, pois as palavras são apenas instrumentos intercambiáveis e perfectíveis: “Toda sua virtude veio ao mundo do querer e do árbitrio dos mortais” o que o leva a interessar-se por duas partes da eloquência, que são a invenção e a elocução²⁴.

É interessante notar, quando se discute a teoria da tradução apresentada por J. Du Bellay, que sendo a imitação predominante, a tradução, na medida em que requer a mediação do tradutor, apresenta-se como prescrição negativa. Na verdade, nessa época, quando a imprensa torna acessível os autores clássicos, e quando se assiste a proliferação de traduções dos autores gregos e latinos, J. Du Bellay afirma, no capítulo V, que “toda língua tem um *je ne sais quoi* próprio somente a ela” que se pode perder na tradução. “Assim, na sua *Deffence et Illustration de la langue françoise*, o tradutor da *Eneida* dedica várias páginas a um alerta contra os maus tradutores (os “traidores”), que, apesar de sua diligência, e da utilidade de seu labor “para instruir os ignorantes de línguas es-

²³ Les cinq parties qui la constituent sont, on le rappelle, l'*invention*, (art de trouver les topiques ou arguments et procédés pour traiter son sujet), la *disposition* (art de composer son discours), l'*élocution* (organisation des mots dans la phrase, le style), la *mémoire* (art de la présence d'esprit pour trouver les arguments) et la *prononciation* (talent de l'orateur en acte), Cicéron, *De Inventione, Rhétorique à Hérémius*, ou encore *De Oratore*.

²⁴ Lembremos que as cinco partes que a constituem são a *invenção* (arte de encontrar os tópicos ou argumentos e métodos para tratar um assunto), a *disposição* (arte de compor seu discurso), a *elocução* (organização das palavras na frase, o estilo), a *memória* (arte da presença de espírito para encontrar os argumentos) e a *pronúncia* (talento do orador em ação), Cícero, *De Inventione, Rhetorica ad Herennium*, ou ainda *De Oratore*.

rants des langues estrangeres», ne parviendront pas à donner « à la nostre (langue) ceste perfection et, comme font les peintres à leurs tableaux, ceste dernière main, que nous désirons ». Et ce dans la mesure où ce qui fait la beauté du style d'un auteur (métaphores, allégories, comparaisons, similitudes, énergies...): «Je ne croirai jamais qu'on puisse bien apprendre tout cela des traducteurs»... [sic] Ainsi, la poésie, et dans une certaine mesure, la traduction, est nuisible si elle ne tient pas compte des deux objectifs qui lui sont assignés en tant que création et ce à deux égards : d'un côté la constitution d'une langue française forte ; d'un autre côté, la fonction du poète dans la société, oraculaire, fonction que, par définition, le traducteur ne peut remplir.

Pour conclure et en reprenant les mots de J. Rieu (1995, p. 35), la «traduction est un art de l'approximation, où l'important est de ménager des effets analogues, même s'ils ne se trouvent pas exactement au même endroit». Il s'agit donc d'un exercice d'accommodation effectuée dans le but d'obtenir les mêmes effets que l'original. Dans ce sens, il faut accorder une grande place à «l'énergie», qui «désigne la figure par laquelle on rend les choses présentes, soit dans leur dynamique, par un style en action (comme pour Aristote), soit au moyen de leur représentation en image, comme dans un tableau²⁵». Grâce à elle, la traduction peut provoquer la même émotion que

trangeiras”, não conseguirão dar “à nossa (língua) aquela perfeição, e, como fazem os pintores em seus quadros, essa última demão que desejamos.” E isso com relação ao que dá forma à beleza do estilo de um autor (metáforas, alegorias, comparações, semelhanças, energias ...): “Jamais acreditarei que se possa ter conhecimento disso pelos tradutores”... [sic] Desse modo, a poesia, e em certa medida a tradução, é danosa se não leva em conta os dois objetivos que lhe são atribuídos enquanto criação, e isso em dois aspectos: de um lado a constituição de uma língua francesa forte; e do outro a função do poeta na sociedade, oracular, função que, por definição, o tradutor não pode cumprir.

Em conclusão e retomando as palavras de Josiane Rieu (1995, p. 35), “a tradução é uma arte da aproximação, em que o importante é alcançar efeitos semelhantes, mesmo que eles não estejam exatamente no mesmo lugar.” Trata-se, pois, de um exercício de acomodação efetuado de modo a se obter os mesmos efeitos que o original. Nesse sentido, é preciso conceder um grande espaço à “energia”, que “designa a figura pela qual tornamos as coisas presentes, seja na sua dinâmica, por um estilo em ação (como para Aristóteles), seja através de sua representação pictórica, como num quadro²⁶.” Graças a ela, a tradução pode causar provocar a mesma emoção que o original. Dois

²⁵ J. Rieu (1995), *L'Esthétique de Du Bellay*, Paris, Sedes, p. 35. L'ensemble s'inscrit dans la querelle des Anciens et des Modernes. En fait, les affrontements entre T. Sébillet et J. Du Bellay, s'ils ont pu être violents, n'ont pas duré longtemps. Dès 1553, il y a réconciliation autour des mêmes idées.

²⁶ J. Rieu (1995), *L'Esthétique de Du Bellay*, Paris, Sedes, p. 35. O conjunto faz parte da querela dos Antigos e Modernos. Na verdade, os confrontos entre T. Sébillet e J. Du Bellay, se foram violentos, não duraram muito tempo. Desde 1553, há reconciliação em torno das mesmas ideias.

l'original. Deux principes donc : l'un, technique, l'autre idéologique.

Cette position connaîtra un retournement à la première moitié du XVII^e siècle avec l'avènement de la prose et la naissance des belles infidèles. Ceci étant, dès le XVI^e siècle, on essaye de bâtir des règles pour bien traduire, à partir de l'idée que la traduction est un art. Selon M^{lle} de Gournay : «Bien traduire, c'est vraiment inventer, c'est engendrer une œuvre de nouveau.²⁷» Curieusement, les exemples de la *Pléiade* sont restés sans suite, ce qui est normal étant donné la place que J. Du Bellay accorde à la traduction et c'est la pensée d'É. Dolet qui, comme on l'a déjà signalé, servira dès lors de référence.

Le XVII^e siècle se caractérise par la perte de prestige de la poésie et la montée de celui des traducteurs. Selon R. Zuber (1968), c'est là qu'est née la prose française et ce, grâce à la traduction. On traduit tout en prose. Il est certain que dans cet esprit les règles traductives demeurent plutôt implicites. Certes, le siècle a fourni ses prescripteurs, dans la personne des grammairiens, plus rationalistes et favorables à une traduction plus juste ou plus exacte. Ainsi, de Méziriac, que l'on verra parmi les théoriciens du siècle (auteur d'une description de procédés) et Gaspard de Tende ; ainsi les jansénistes, férus des «réglementations». De même, le procédé du mot à mot, prescrit par la traduction des textes saints, bien que faisant frémir d'horreur ces nouveaux traducteurs-auteurs, n'a jamais été abandonné pour la traduction de la sainte Écriture (Le Vayer conseille

princípios, pois: um técnico, o outro ideológico.

Essa posição vai experimentar um retorno na primeira metade do século XVII, com o advento da prosa e o surgimento das *belles infidèles*. Isto é, desde o século XVI, tenta-se criar regras para bem traduzir, a partir da idéia de que a tradução é uma arte. Conforme Marie de Gournay: “Traduzir bem é realmente inventar, é criar uma obra de novo.²⁷” Curiosamente, os exemplos da *Pléiade* permaneceram sem continuação, o que é normal considerando o lugar que J. Du Bellay concede à tradução, e é o pensamento de Étienne Dolet que, como já assinalamos, servirá desde então como referência.

O século XVII é caracterizado pela perda de prestígio da poesia e pelo aumento daquele dos tradutores. De acordo com Roger Zuber (1968), foi nessa época que nasceu a prosa francesa, e isso graças à tradução. Tudo é traduzido em prosa. É certo que nesse espírito as regras tradutivas mantêm-se bastante implícitas. Com efeito, esse século produziu seus prescritores, na pessoa dos gramáticos, mais racionalistas e favoráveis a uma tradução mais precisa ou mais exata. Esse é o caso de Méziriac, que ver-se-á entre os teóricos desse século (autor de uma descrição de procedimentos) e de Gaspard de Tende; igualmente os jansenistas, entusiastas das “regulamentações”. Da mesma forma, o procedimento do palavra por palavra, prescrito pela tradução de textos sagrados, embora fizesse tremer de horror esses novos tradutores-autores, jamais foi abandonado.

²⁷ Apud R. Zuber (1995), *Les Belles Infidèles et la formation du goût classique*, Paris, Albin Michel, (1^{re} édition 1968), p. 37

de respecter dans «les saintes Lettres», le moindre iota).

On parle de clarté, de simplicité, de bon sens, et surtout de bon gout, ce qui atteste que la réception prime pour guider le traducteur dans sa tâche. Le souci de l'Académie est le style. Concrètement, les traducteurs (comme Giry, par exemple), procèdent, eux, d'un côté, à la transposition des mots techniques inintelligibles; de l'autre, à l'adoucissement des métaphores «ridicules».

Et certains traducteurs auront une attitude double : rigueur et fidélité (littérale) pour les documents d'histoire ; liberté pour les pièces d'éloquence, qui sont abondamment traduites en ce siècle, en particulier les textes de Cicéron, dont les *Huit Oraisons*, parues en 1638, traduites par Giry, D'Ablancourt, Patru et Du Ryer ont servi de manifeste à la traduction et ont ouvert aux traducteurs leur entrée à l'Académie²⁸. «Peser les mots et non pas les compter», voilà la devise suivie par D'Ablancourt, Bréval, La Ménardièrre. Et, si d'un côté, cette grande liberté permet aux talents littéraires de s'épanouir, il va de soi que la qualité de chaque traduction dépend du talent d'écrivain de chaque traducteur. Mais, n'en est-il pas toujours ainsi ?

Cette attitude implique encore l'usage de certains procédés comme les additions, les suppressions et les modifications, employés au nom de

do para a tradução das Sagradas Escrituras (Le Vayer aconselha respeitar nas “santas Letras” qualquer vírgula).

Fala-se de clareza, simplicidade, bom senso, e, acima de tudo, bom gosto, o que atesta que a recepção prima por guiar o tradutor em sua tarefa. A preocupação da Academia é o estilo. Concretamente, os tradutores (como Giry, por exemplo) por um lado, procedem à transposição de palavras técnicas ininteligíveis, e por outro à suavização de metáforas “ridículas”.

E alguns tradutores terão uma atitude dupla: rigor e fidelidade (literal) para os documentos históricos; liberdade para peças de eloquência, abundantemente traduzidas nesse século, em particular os textos de Cícero, cujas *Orações (Huit Oraisons)*, publicadas em 1638, traduzidas por Giry, D'Ablancourt, Patru et Du Ryer, serviram de manifesto à tradução e abriram aos tradutores sua entrada na Academia²⁹. “Pesar as palavras e não contá-las”, é o lema seguido por D'Ablancourt, Bréval, La Ménardièrre. E se por um lado essa grande liberdade permite aos talentos literários desabrocharem, não é preciso dizer que a qualidade de cada tradução depende do talento de escritor de cada tradutor. Mas, não é sempre assim?

Essa atitude implica ainda o uso de certos procedimentos, como as adições, as supressões e as modificações, empregados em nome do

²⁸ R. Zuber cite, parmi d'autres: les *Philippiques*, les *Paradoxes* de Cicéron par P. Du Ryer (1639-40), *De la louange d'Hélène et de Busire* d'Isocrate, par Giry en 1640, les *Controverses* de Sénèque, (1639), les *Verrines* (1640) par Lesfargues (*loc. cit.*).

²⁹ R. Zuber cita, entre outros: les *Philippiques*, les *Paradoxes* (Filípicas, Paradoxos) de Cícero por P. Du Ryer (1639-40), *De la louange d'Hélène et de Busire* (O elogio de Helena e Busiris) de Isócrates, por Giry em 1640, les *Controverses* (Controvérsias) de Sêneca, (1639), les *Verrines* (Verrinas) (1640) por Lesfargues (*loc. cit.*).

la bienséance («Ce qui est galand à Rome est quelquefois ridicule à Paris», dit Scudéry avec d'autres). On peut y ajouter encore: l'ennoblissement, la «majesté» de la traduction; la recherche d'un nouveau rythme.

Dans le souci de l'art, on n'évitera pas la paraphrase (allongante)³⁰. La conséquence pour le texte traduit, selon R. Zuber, c'est le façonnement d'une belle prose, la mise en valeur du héros, – par l'utilisation des verbes à la voix active –, qui influenceront y compris des auteurs comme Racine ou Corneille, la modernisation, quelquefois des altérations, des mœurs afin que le siècle puisse s'en inspirer et les âmes, grandir.

Ainsi, durant le vivant de Richelieu s'est créée la façon dite «classique» de traduire, façon polie, explicite, claire, simple, de bon gout. Mais, après sa mort, la querelle entre les tenants de la fidélité et les tenants de l'infidélité dans la traduction reprend son cours, ce qui fait que D'Ablancourt est critiqué au nom d'une nouvelle exigence de «savoir» (Miramion), absente des propos cicéroniens. À partir de la deuxième moitié du siècle, cette exigence de rigueur va s'accroître et apparaît sous la forme de règles émanant essentiellement des traducteurs jansénistes. L'ère de la liberté s'achève ainsi provisoirement.

decoro (“O que é galante em Roma é às vezes ridículo em Paris”, disse Scudéry junto de outros). Pode-se acrescentar ainda: o enobrecimento, a “majestade” da tradução, a busca por um novo ritmo.

No cuidado com a arte, não se evitará a paráfrase (alongadora)³¹. A consequência para o texto traduzido, segundo Roger Zuber, é a construção de uma bela prosa, a valorização do herói, – pela utilização dos verbos na voz ativa – (que influenciarão autores como Racine ou Corneille), a modernização, por vezes alterações, dos meios retóricos, para que o século possa neles se inspirar e as almas se engrandecerem.

Assim, durante o tempo de vida de Richelieu, criou-se a maneira de traduzir dita “clássica”, maneira polida, explícita, clara, simples, de bom gosto. Mas após sua morte, a querela entre os defensores da fidelidade e os defensores da infidelidade na tradução retoma o seu curso, o que faz com que D'Ablancourt seja criticado em nome de uma exigência nova por “saber” (Miramion), ausente dos propósitos ciceronianos. A partir da segunda metade do século, essa exigência de rigor vai aumentar e aparece na forma de regras que emanam principalmente de tradutores jansenistas. Assim, a era da liberdade termina provisoriamente.

³⁰ On a compris, la traduction classique, en raison de la tendance du français à expliciter, en raison de son aspect plutôt analytique (contrairement au latin, langue à déclinaisons), en raison de l'emploi de la paraphrase, résulte en un texte deux fois plus long que l'original. Ainsi, pour les traductions du texte de Tacite, là où l'auteur latin utilise 84 mots, Fauchet emploie 164, Baudoin, 182, Le Maistre, 159, Bréval 195 et D'Ablancourt 174.

³¹ Compreende-se a tradução clássica devido à tendência do francês em explicitar, em razão do seu aspecto bastante analítico (ao contrário do latim, língua de declinação), em razão do emprego da paráfrase, resultando um texto duas vezes maior que o original. Assim, para as traduções do texto de Tácito, onde o autor utiliza 84 palavras em latim, Fauchet emprega 164, Baudoin, 182, Le Maistre, 159, Breval 195 e D'Ablancourt 174.

La grande nouveauté qu'introduisent les jansénistes sur le plan de la théorie, à cette époque, est la prescription de l'équivalence. Nous ne sommes plus ici à la théorie de la «pesée» des mots, car à chaque image, chaque métaphore, chaque «beauté» du texte original doit correspondre une image, une métaphore, une «beauté» dans le texte d'arrivée³². Le fait est que les mots, n'étant plus pesés, mais comptés, il faut faire «changer l'auteur de langue sans le faire changer de pensée» et de Sacy, qui a un très beau style, s'explique sur la difficulté d'obtenir une traduction à la fois juste et belle.

Les règles contraires, en revanche, et comme on l'a déjà vu, exprimées par Tende, soulignent la nécessité de traduire les équivalences, de pénétrer l'esprit de l'auteur, de ne pas allonger ni embellir. Le Maistre, par la suite, formulera dix règles dans le prolongement de Tende.

Pour ce dernier la première chose à quoi il faut prendre garde dans la traduction française : c'est d'être extrêmement fidèle et littéral, c'est-à-dire, d'exprimer en notre langue, tout ce qui est dans le latin, et «de le rendre si bien que si, par exemple, Cicéron avoit parlé notre langue, il eût parlé de même que nous le faisons parler dans notre traduction³⁴» (R. Zuber, 1995, p. 143).

Peu à peu, les conseils accentuent les efforts à faire pour conserver l'équilibre, les proportions, pour éviter les répétitions, les sons désagréables, bref, à intervenir dans le texte d'arrivée.

Nessa época, a grande novidade introduzida pelos jansenistas no plano da teoria é a prescrição da equivalência. Aqui já não estamos mais na teoria do “peso” das palavras, pois para cada imagem, cada metáfora, cada “beleza” do texto original, deve corresponder uma imagem, uma metáfora, uma “beleza” no texto de chegada³³. O fato é que, com as palavras não sendo mais pesadas, mas contadas, é preciso fazer “mudar o autor de língua sem fazê-lo mudar de pensamento”, e de Sacy, que tem um estilo muito belo, explica-se sobre a dificuldade em se obter uma tradução ao mesmo tempo precisa e bela

As regras contrárias, no entanto, como já vimos, expressadas por Gaspar de Tende, enfatizam a necessidade de traduzir as equivalências, de penetrar o espírito do escritor, de não alongar nem embelezar. Antoine Le Maistre, mais tarde, vai formular dez regras a partir daquelas de Tende.

Para este último, a primeira coisa que é preciso ter cuidado na tradução francesa é ser extremamente fiel e literal, isto é, exprimir em nossa língua tudo o que se tem em latim, e “fazê-lo tão bem que se, por exemplo, Cícero tivesse falado nossa língua, teria falado como nós o fazemos falar em nossa tradução³⁴”. (R. Zuber, 1995, p. 143).

Pouco a pouco, os conselhos acentuam os esforços necessários para manter o equilíbrio, as proporções, para evitar a repetição, os sons desagradáveis, em suma, para intervir no texto de chegada.

³² On pourrait y voir, en revanche, une position «ancêtre» de celle qu'adoptera Meschonnic.

³³ Pode-se ver, no entanto, uma posição “ancestral” daquela que será adotada por Meschonnic.

³⁴ Introduction à l'*Iliade*, A. Leide, Weistein et fils, 1766, apud Mounin, *loc. cit.*, *Les Belles Infidèles*, Marseille, Cahiers du Sud, 1959, p. 5.

De siècle en siècle, l'histoire de la traduction se modifie. Après le modelage de la prose française, avec ses règles, son style, le siècle des Lumières méprise la traduction faite au détriment de l'expression de la pensée et considérée comme l'expression de « seconde main ». La traduction devient ainsi activité secondaire et totalement dépendante du goût et des usages (où la fidélité n'est plus de mise). C'est que les traducteurs du XVIII^e siècle ont, entre autres choses, à satisfaire au goût du public lettré, devant non seulement se plier aux règles grammaticales, stylistiques, rhétoriques en vigueur dans leur siècle, mais aussi bien travestir au nom de la bienséance le contenu des textes traduits, à savoir les textes de l'Antiquité gréco-romaine. Il s'agit d'un siècle où la traduction n'est plus l'activité prestigieuse (socialement et artistiquement) qu'elle a pu être durant les siècles antérieurs.

L'un des traducteurs les plus connus et exemplaires à cette époque est une traductrice, M^{me} Dacier, A. Tanneguy-Lefebvre (1651-1720), épouse d'A. Dacier avec qui elle a traduit *La Vie des hommes illustres* de Plutarque, après Amyot. M^{me} Dacier a, de son côté, entrepris plusieurs traductions, de Plaute, Aristophane, Térence et enfin de l'*Iliade* et de l'*Odyssée* qui lui valurent la gloire. Défenseur des Anciens et particulièrement d'Homère, la traductrice de l'*Iliade*, expose deux types de difficultés rencontrées dans sa traduction : la première, d'ordre poétique ; la seconde, de l'ordre des valeurs éthico-esthétiques de l'époque (morale et réceptive) qu'elle attribue à la « faiblesse » de la langue française.

De século em século, a história da tradução se modifica. Após a constituição da prosa francesa, com suas regras e seu estilo, o século das Luzes despreza a tradução feita em detrimento da expressão do pensamento, e a considera como uma expressão de “segunda mão”. A tradução torna-se atividade secundária e totalmente dependente do gosto e dos usos (em que a fidelidade não é mais aceita). É que os tradutores do século XVIII têm, entre outras coisas, de satisfazer o gosto do público letrado, devendo não somente se submeterem às regras gramaticais, estilísticas e retóricas em vigor em seu século, mas também disfarçar, em nome da decência, o conteúdo dos textos traduzidos, a saber os textos da antiguidade greco-romana. Trata-se de um século em que a tradução não é mais (socialmente e artisticamente) a atividade prestigiosa que foi nos séculos anteriores.

Um dos tradutores mais conhecidos e exemplares dessa época é uma tradutora, Madame Dacier, Anne Tanneguy-Lefebvre (1651-1720), esposa de André Dacier com quem traduziu *As vidas dos homens ilustres* de Plutarco, após Amyot. Madame Dacier, por sua vez, realizou várias traduções de Plauto, Aristófanes, Terêncio e, finalmente, da *Ilíada* e da *Odisséia*, que lhe renderam a glória. Defensora dos antigos e particularmente de Homero, a tradutora da *Ilíada* enuncia dois tipos de dificuldades encontradas em sua tradução: a primeira, de ordem poética; a segunda da ordem dos valores ético-estéticos da época (moral e de recepção) que ela atribui à “fraqueza” da língua francesa.

Ce que M^{me} Dacier entend par *faiblesses de la langue française* ne se situe pas seulement au niveau de la langue à proprement parler, comme on a pu voir par la richesse de sa littérature. Ce qu'elle entend par la langue, ce sont les usages devenus puristes, conformistes : «Que doit-on attendre d'une traduction en une langue comme la nôtre, toujours sage, ou plutôt timide, et dans laquelle il n'y a presque point d'heureuse hardiesse, parce que toujours prisonnière dans ses usages, elle n'a pas la moindre liberté³⁵?»

Cette façon de traduire, on la trouve également chez Rivarol, traducteur de Dante, disciple de l'abbé Delille dans l'art de tout dire avec élégance.

La dualité qui s'annonce à partir de ce moment et qui sera patente au XVIII^e siècle, le siècle des «belles infidèles», ne se situe plus entre les mots et les sens, mais plus insidieusement, entre les mots du texte, la «lettre», et les sens tels que préconise la langue officielle³⁶ laquelle n'est pas, comme on le sait, la langue de tous les Français, mais la langue de la Cour, la langue du Droit, de l'Administration, de l'Armée. Entre texte et l'usage donc.

Cet état de choses, que l'on observe en diachronie, montre la ténacité de la position classique qu'illustrent toutes ces théories qui se trouvent à la base des normes du système traductif français et dont les «tendances déformantes» de la traduction française analysées par A. Berman (1985) ne sont que l'envers. Une position traductive dite libre mais qui, au cours des siècles, est devenue de plus en plus servile, à l'origine de la fameuse

O que Madame Dacier entend par *fraquezas da língua francesa* não se situa apenas no nível da língua propriamente dita, como vimos pela riqueza de sua literatura. O que ela quer dizer com língua são os usos, que se tornaram puristas, conformistas: “O que devemos esperar de uma tradução para uma língua como a nossa, sempre sábia, ou antes tímida, e na qual quase nenhuma ousadia é feliz, pois sempre presa em seus usos sem a menor liberdade³⁵?”

Essa maneira de traduzir é encontrada também em Rivarol, tradutor de Dante, discípulo do abade Delille na arte de dizer tudo com elegância.

A dualidade que se anuncia a partir desse momento, e que será evidente no século XVIII, o século das “*belles infidèles*” já não se situa entre as palavras e os sentidos, mas, de maneira mais insidiosa, entre as palavras do texto, a “letra”, e os sentidos tal como preconiza a língua oficial, que não é, como se sabe, a língua de todos os franceses, mas a língua do Tribunal, a língua do Direito, da Administração, do Exército. Logo, entre texto e usos.

Esse estado de coisas, observado em diacronia, revela a tenacidade da posição clássica que ilustram todas essas teorias que estão na base das normas do sistema tradutório francês, e de que as “tendências deformadoras” da tradução francesa analisadas por Antoine Berman (1985) são apenas o inverso. Uma posição tradutiva dita livre mas que ao longo dos séculos tornou-se cada vez mais servil, na origem da famosa dualidade diante da

³⁵ I. Oseki-Dépré, *loc. cit.*, p. 158ss.

³⁶ P. Bourdieu (1982), *Ce que parler veut dire*, Paris, Fayard.

dualité devant laquelle le traducteur devra choisir : la source ou la cible.

Il aura fallu attendre le XIX^e siècle pour que la pensée sur la traduction se modifie. Ainsi, à la suite de la Révolution, pour plusieurs raisons, dont l'influence du romantisme allemand, on s'ouvre vers l'Autre, l'étranger, vers d'autres cultures³⁷. Le grand nom qui se détache dans le siècle est celui de François René de Chateaubriand qui innove à plus d'un titre : non seulement par le désir de décrire la façon dont il a traduit *Le Paradis perdu* de J. Milton³⁸, mais par l'affirmation de l'avoir traduit « littéralement ». Chateaubriand estime qu'il a révolutionné la façon de traduire, mais ce qui lui importe davantage, c'est la description des procédés qu'il a mis en œuvre pour le faire. On peut compter parmi ses procédés, le respect, voire le calque de la syntaxe anglaise au détriment des règles du bon usage français, l'activation de l'intertextualité (Sénèque, la Bible), la création de néologismes, le respect des « mots horribles » et des « mots communs », donc des différents niveaux du texte de Milton, ainsi que de l'obscur (Dieu). Chateaubriand est le premier traducteur de la Modernité à se réclamer d'une traduction « mot à mot », qu'un enfant pourrait suivre avec le doigt et il est considéré par A. Berman, éminent traductologue contemporain, comme le « traducteur exemplaire ».

qual o tradutor tem de escolher: a fonte ou o alvo.

Será preciso esperar até o século XIX para que o pensamento sobre a tradução se modifique. Assim, após a Revolução, por várias razões, incluindo a influência do romantismo alemão, há uma abertura para o Outro, o estrangeiro, para outras culturas³⁹. O grande nome que se destaca nesse século é o de François René de Chateaubriand, que inova de mais uma forma: não somente pelo desejo de descrever como traduziu *O paraíso perdido* de John Milton³⁸, mas pela afirmação de tê-lo traduzido “literalmente”. Chateaubriand julga que ter revolucionado a forma de traduzir, mas o que mais lhe importa é a descrição dos métodos que utilizou para fazê-lo. Podemos contar entre os seus procedimentos, o respeito, até mesmo do calque da sintaxe inglesa em detrimento das regras do bom uso francês, a ativação da intertextualidade (Sêneca, a Bíblia), a criação de neologismos, o respeito às “palavras horríveis” e às “palavras comuns”, portanto dos diferentes níveis do texto de Milton, assim como ao obscuro (Deus). Chateaubriand foi o primeiro tradutor da Modernidade a se referir a uma tradução “palavra por palavra”, que uma criança poderia seguir com o dedo, e é considerado por Antoine Berman, eminente tradutólogo contemporâneo, como o “tradutor exemplar”.

³⁷ Dans notre ouvrage (*loc. cit.*), nous considérons Chateaubriand comme un précurseur des théoriciens de la description en traduction littéraire.

³⁸ F. R. de Chateaubriand (1983), «Remarques sur la traduction de Milton», *Po&sie*, n° 23, Paris, Belin, p. 112 et sq.

³⁹ Em nosso livro (*loc. cit.*), consideramos Chateaubriand como um precursor dos teóricos da descrição na tradução literária.

Théories descriptives, naissance de la traductologie

Au XX^e siècle la naissance de la linguistique va permettre à la traductologie de naître et de se développer. Entre l'après-guerre et les années 1970, l'intérêt pour la traduction de la part de linguistes et philosophes du langage se développe en France et à l'étranger. D'abord tournée vers les problèmes linguistiques (méthodes, pédagogie, philologie), elle s'intéresse peu à peu (1980) à l'aspect proprement littéraire de la traduction (esthétique, poétique) et à l'aspect philosophique (éthique). La façon classique de traduire est remise en cause et la «révolution» annoncée par Chateaubriand permet au philosophe A. Berman de condamner les positions traditionnelles comme étant «ethnocentriques» (1985). À partir d'une réflexion qui lui est propre, mais qui converge vers celle de W. Benjamin⁴⁰ (1926) et à l'aide des propos tenus par les poètes allemands défenseurs d'une pratique littéraliste du traduire comme constitutive de la culture, A. Berman propose la critique de la traduction à travers la «traductologie» comme «forme ou champ de savoir, à rapprocher de ces formes de discours récents que sont l'archéologie de M. Foucault, la grammatologie de J. Derrida ou la poétologie développée en Allemagne par B. Alleman» (1984). Ce savoir, il le définit dans son ouvrage, de parution posthume, *Pour une critique des traductions : John Donne*, Gallimard (Paris, 1995) comme un «savoir discursif et conceptuel essayant de conquérir une scientificité propre». Cette critique va ouvrir un nouvel

Teorias descritivas, o nascimento da tradutologia

No século XX, o nascimento da linguística vai permitir o surgimento e o desenvolvimento da tradutologia. Entre o pós-guerra e os anos 70, o interesse pela tradução por parte dos linguistas e filósofos da linguagem se desenvolve na França e no exterior. Primeiramente voltada aos problemas linguísticos (métodos, pedagogia, filologia), pouco a pouco ela se interessa (1980) pelo aspecto propriamente literário da tradução (estética, poética) e pelo aspecto filosófico (ético). A maneira clássica de traduzir é recolocada em causa e a “revolução” anunciada por Chateaubriand permite ao filósofo Antoine Berman condenar as posições tradicionais como “etnocêntricas” (1985). A partir de uma reflexão própria, mas que converge para a de Walter Benjamin⁴² (1926), e com a ajuda das opiniões sustentadas pelos poetas alemães que defendiam uma prática literalista do traduzir como constituidora da cultura, Antoine Berman propõe uma crítica da tradução através da “tradutologia” como “forma ou área de conhecimento, aproximando-se destas formas de discurso recentes que são a arqueologia de Michel Foucault, a gramatologia de Jacques Derrida ou a poétologia desenvolvida na Alemanha por B. Alleman” (1984). Esse saber, ele o define em seu livro, publicado postumamente, *Pour une critique des traductions: John Donne*, Gallimard (Paris, 1995), como um “saber discursivo e conceitual que tenta conquistar uma cientificidade própria”. Essa crítica vai abrir um novo espaço teórico e prático da

⁴⁰ La redécouverte du texte benjaminien («La tâche du traducteur») a été essentielle pour la traduction littéraire contemporaine.

espace théorique et pratique de la traduction littéraire en France⁴¹.

Une nouvelle façon de traduire, à la fois «littéraliste» et «libre» nait en France avec les traductions de M. Deguy, de J. Risset, de P. Klossowski, de J. Roubaud, qui pratiquent une traduction à la fois « isomorphique » et tournée vers l'avenir : ni littérale, ni libre, mais structurellement liée à l'original et sur laquelle il y aurait beaucoup à dire, mais les limites de cet exposé nous interdisent de le faire⁴⁴.

tradução literária na França⁴³.

Uma nova forma de traduzir, ao mesmo tempo “literal” e “livre”, nasce na França com as traduções de Michel Deguy, Jacqueline Risset, Pierre Klossowski, Jacques Roubaud, que praticam uma tradução tanto “isomórfica” quanto voltada para o futuro: nem literal, nem livre, mas estruturalmente ligadas ao original, e sobre a qual haveria muito a dizer, mas os limites deste nos proíbem de fazê-lo⁴⁵.

Inês Oseki-Dépré

inesoseki@gmail.com

Tradutora literária e Profa. Dra., Université de Aix-en-Provence

Tradução de:

Narceli Piucco

narcelipiucco@yahoo.com.br

Doutoranda, Universidade Federal de Santa Catarina

Anderson da Costa

desterro72@gmail.com

Pós-doutorando, Universidade Federal de Santa Catarina

Fonte: Oseki-Dépré, Inês. «Théories et pratiques de la traduction littéraire en France», in Le français aujourd'hui, 2003/3 n° 142, pp. 5-17. DOI: 10.3917/lfa.142.0005

⁴² A redescoberta do texto benjaminiano (“A tarefa do tradutor”) foi essencial para a tradução literária contemporânea.

⁴¹ Son premier ouvrage important, *L'Épreuve de l'étranger*, Paris, Gallimard, coll. « essai », 1984, consiste en une analyse très fructueuse du Romantisme allemand et des auteurs qui ont accordé à la traduction une place primordiale aussi bien dans le développement de la pensée que dans celui de la culture en général.

⁴³ Sua primeira grande obra, *L'Épreuve de l'étranger*, Paris, Gallimard, coll. « essai », 1984, é uma análise muito bem sucedida do Romantismo alemão e dos autores que concederam à tradução um lugar primordial, tanto no desenvolvimento do pensamento quanto da cultura em geral.

⁴⁴ On peut citer comme exemple la traduction du *Qohélet* de J. Roubaud (*Bible*, Bayard, 2000), dans laquelle ce qui est traduit relève à la fois de l'organisation et de la poéticité de l'original.

⁴⁵ Podemos citar como exemplo a tradução do *Qohélet* (Eclesiastes) de J. Roubaud (*Bible*, Bayard, 2000), na qual o que é traduzido releva a organização e a poeticidade do original.

Referências bibliográficas

- BALLARD, M. (1984), *La traduction*, Presses universitaires de Lille. – (1991-1994), *De Cicéron à Benjamin*, Presses universitaires de Lille.
- BENJAMIN, W. (1926), « La tâche du traducteur », (1971) in *Mythe et violence*, trad. M. de Gandillac, Denoël ; trad. M. Broda, (1991), in *Po&sie*, n° 55, 1er trimestre.
- BERMAN, A. (1984), *L'épreuve de l'étranger*, Paris, Gallimard, coll. « Essais ».
- _____. (1982), « La traduction des œuvres latino-américaines », *Lendemains*, Berlin.
- _____. (1985), *Les tours de Babel* (recueil d'articles d'H. Meschonnic, G. Granel, G. Mailhos, A. Jaulin, F. Schleiermacher, trad. A. Berman), TER, Mauvezin.
- CARY, E. (1956), *La traduction dans le monde moderne*, Genève, Georg.
- _____. (1985), *Comment faut-il traduire ?*, Presses universitaires de Lille.
- CHATEAUBRIAND, F. R. DE (1983), « Remarques sur la traduction de Milton », *Po&sie*, n° 23, Paris, Belin, p. 112 et sq.
- CICERON (1921), *Du meilleur genre d'orateurs*, texte établi et traduit par H. Bornecque, Paris, Les Belles-Lettres.
- ETKIND, E. (1982), *Un art en crise, essai de poétique de la traduction poétique*, Lausanne, L'âge d'homme, p. 27-29.
- EVEN-ZOHAR, I. (1976), *Introduction to a Theory of Literary Translation*, English Summary Thesis Tel-Aviv University.
- JAKOBSON, R. (1963), *Essais de linguistique générale*, trad. et préf. N. Ruwet, Paris, Éditions de Minuit, 1963 (coll. « Arguments », n° 14). Réédition en livre de poche : Paris, Éditions du Seuil, 1970 (coll. « Points », n° 17).
- LADMIRAL, J.-R. (1979), *Traduire : Théorèmes pour la traduction*, Paris, PBP.
- LARBAUD, V. (1957), *Sous l'invocation de saint Jérôme*, Paris, Gallimard.
- MESCHONNIC, H. (1973), *Pour la poétique II*, Paris, Gallimard.
- _____. (1978), *Pour la poétique V*, Paris, Gallimard.
- MOUNIN, G. (1955), *Les Belles Infidèles*, Paris, Cahiers du Sud.
- _____. (1963), *Les problèmes théoriques de la traduction*, préf. D. Aury, Paris, Gallimard, coll. « Tel » (Bibliothèque des Idées). Réédition en livre de poche : coll. « Tel », n° 5.
- _____. (1976), *Linguistique et traduction*, Bruxelles, Dessart et Mardaga, coll. « Psychologie et sciences humaines », n° 60.
- NIDA, E. (1964), *Toward a Science of Translating with special to principles and procedures involved in Bible translating*, Leyde, Brill.
- _____. (1975), *Language Structure and Translation*, Stanford, California, Stanford University Press.
- _____. (1969), Nida E.A. & Taber C.R., *The Theory and Practice of Translation*, Leyde, Brill (Helps for Translators, vol. VIII).
- OSEKI-DEPRE, I. (1999), *Théories et Pratiques de la traduction littéraire*, Paris, Armand Colin, coll. « U ».
- _____. (2000), « Walter Benjamin ou la bipolarité de la tâche du traducteur » dans *Tra segni*, Roma, Meltemi.

- _____. (2001), « Sujet et subjectivité de la traduction », *Traverses*, Série Langages et Cultures, Montpellier, université Paul Valéry III.
- PRALON, D. (1993), « Traductions françaises de l'*Iliade* (1519-1989) », *Cahiers du Claix, Travaux*, 10.
- ROUBAUD, J. (1978), *La Vieillesse d'Alexandre*, Paris, François Maspero.
- _____. (1979), « Esquisse d'une théorie de la traduction poétique », en coll. avec P. Lusson et L. Robel, *Cahiers de poésie comparée*, n° 4, Mezura.
- STEINER, G. (1978), *Après Babel*, trad. L. Lotringer, Paris, Albin Michel, édition originale : *After Babel. Aspects of Language and Translation*, Londres-Oxford-New York, Oxford University Press, 1975, 1976 (Oxford Paperbacks, n° 364).
- TOURY, G. (1978), « The Nature and Role of Norms in Literary Translation », *Literature and Translation*, ed. by James S. Holmes, e.a.
- VINAY, J.-P. & DARBELNET, J. (1968), *Stylistique comparée du français et de l'anglais. Méthode de traduction*, Paris, Didier, 1958-1968-1977 (Bibliothèque de stylistique comparée, n° 1).
- ZUBER R. (1968), *Les Belles Infidèles et la formation du gout classique*, Paris, Albin Michel.